

A EMERGÊNCIA DA PSICOLOGIA HUMANISTA

José Augusto da Silva Pontes Neto

I. INTRODUÇÃO

Psicólogos, psiquiatras, educadores e profissionais de áreas afins admitem (e muitos são até adeptos) um tipo de psicologia que se convencionou chamar “**psicologia humanista**”.

Esta psicologia surgiu há algumas décadas nos Estados Unidos da América do Norte de forma muito débil. Recentemente, apenas, é que se impôs como uma força em psicologia. Isto se deu, provavelmente, por volta de 1961 e 1962, com a criação, respectivamente, do “*Journal of Humanistic Psychology*” e da “*Association for Humanistic Psychology*”. A ascensão da psicologia humanista foi uma consequência esperada no mundo psicológico, devida sobretudo a sérias emissões que a psicanálise ortodoxa e o behaviorismo apresentavam em termos de explicação e profilaxia de aspectos capitais da existência humana.

A psicologia humanista é, hoje, o centro de atenção daqueles que se preocupam com a saúde psicológica e o futuro do homem sobre a face da terra. Neste artigo, pretende-se traçar um breve histórico da psicologia humanista, desde o período em que ela carecia de qualquer tipo de “status” até a sua emergência como a terceira força em psicologia.

II. BEHAVIORISMO E PSICANÁLISE

A primeira revolução na psicologia eclodiu com o behaviorismo. Este, através de Watson (1), proclamava que a possibilidade de moldar o homem em qualquer sentido era quase infinita. Watson sucedeu a Pavlov e foi seguido por Thorndike, o “pai espiritual” de Skinner”. Com a bandeira de rigor, objetividade e precisão, Skinner (um psicólogo com certa dose de criatividade) tornou-se o líder de uma psicologia que denominou “análise experimental de comportamento”. (5)

A segunda revolução na psicologia teve lugar com a psicanálise. Mas a posição de Freud era marcadamente semelhante à de Watson em um sentido: ambas eram deterministas. O determinismo de Freud, contudo, era psicogenético. Mas de uma forma ou de outra, tanto o behaviorismo de Watson, como a psicanálise freudiana eram sistemas fechados a aspectos importantes da vida humana, como a espontaneidade, a criatividade e a responsabilidade. (2)

III. UMA NOVA PSICOLOGIA ?

Sutich & Vich (3) escrevem que: “Talvez a maior limitação do Behaviorismo e da psicanálise seja a inadequação para tratarem com as potencialidades positivas do homem e com a realização ótima dessas potencialidades.”

Mas, por muito tempo, behaviorismo e psicanálise freudiana “deram as cartas” no cenário da psicologia americana. Por volta de 1950, somente o behaviorismo e as abordagens muito semelhantes eram consideradas científicas. Havia, inclusive, um monopólio editorial assegurado por esse tipo de psicologia. (4) À psicanálise, devido aos esforços de muitos psiquiatras, era

(5) Skinner faz questão de distinguir “análise experimental do comportamento” de “behaviorismo”. A primeira está preocupada em estudar as relações funcionais entre certos estímulos e determinado organismo, pondo em tela as contingências de reforçamento. O behaviorismo, por sua vez, é a discussão filosófica das implicações da análise experimental do comportamento. Muitos autores, contudo, não consideram tal distinção.

(1) WATSON, J. B. . **The ways of behaviorism**. N. York: Harper, 1926.

(2) MATSON, F. W. in **Existencial Humanistic Psychology**, GREENING, T. C. (org.) Belmont: Brooks/Cole Publish. Co., 1973.

(3) SUTICH, A. J. & VICH, M. A. (org.) **Readings in Humanistic Psychology**, N. York: Free Press, 1969, pág. 1.

(4) SUTICH, A. J. & VICH, M. A. (org.) **Readings in Humanistic Psychology**, N. York: Free Press, 1969, pag. 1.

concedido um lugar de algum significado, mas era considerada não-científica. E foi, justamente, através dos desviacionistas da psicanálise que se começou a divisar uma nova perspectiva em psicologia, sobretudo com as idéias de Jung e Rank.

Em seus últimos escritos, Jung enfatizava a compreensão do outro em sua identidade singular — uma espécie de compreensão intuitiva. Rank, por sua vez, fixava-se na capacidade de autodireção e controle realizados pela própria pessoa que buscava ajuda psicológica. Surgiram, também, os trabalhos de Horney, Fromm, Goldstein e outros. Mas apesar dessas inovações, trabalhar em "(...) uma orientação humanística na década seguinte ao fim da segunda Guerra Mundial era virtualmente considerado um profissional fora da lei." (5)

Contudo, sempre existem os fora da lei. Existem, também, os que criam uma lei para si, apesar dos riscos. E, na psicologia, aconteceu assim. Certos estudiosos do comportamento humano foram ousados e ignorando o que ocorria "externamente" realizaram os imperativos impostos pelas próprias aspirações. Nesse caso, enquadram-se Carl Rogers, (6) Prescott Lecky (7) e Donald Snygg & Arthur Combs (8) que publicaram obras revolucionárias para a época.

Às obras desses autores, vieram juntar-se "Motivation and Personality". (9) "Becoming: Basic Considerations for a Psychology of Personality" (10) e o livro "The Self". (11)

Essas publicações, um tanto incômodas para os behavioristas, começam a abrir uma brecha, irreversível, para o aparecimento de um novo tipo de psicologia. Esta se centrava na pessoa, nos seus valores e na sua existência, de um ponto de vista fenomenológico.

IV. MASLOW E ROGERS.

A insatisfação com a psicanálise ortodoxa e com o behaviorismo foi aguçada com a questão da criatividade. Em 1950, alguns escritos de

(5) SUTICH, A. J. & VICH, M. A. (org.) **Readings in Humanistic Psychology**, N. York: Free Press, 1969, pág. 4.

(6) ROGERS, C. R. **Counseling and Psychotherapy**. Boston: Houghton Mifflin, 1942.

(7) LECKY, P. **Self-consistency: a theory of personality**. N. York: Island Press, 1945.

(8) SNYGG, D. & COMBS, A. W. **Individual Behavior**. N. York: Harper, 1949.

(9) MASLOW, A. H. **Motivation and Personality**. N. York: Harper, 1954.

(10) ALLPORT, G. **Becoming: basic considerations for a psychology of personality**. New Haven: Yale University Press, 1955.

(11) MOUSTAKAS, C. **The Self**. N. York: Haper & Rew, 1956.

Maslow tiveram um inesperado "sucesso", onde tanto a psicanálise freudiana, como o behaviorismo tinham fracassado — o processo de criatividade.

Talvez, pela vez primeira, sentiu-se o quanto se poderia realizar utilizando uma abordagem que pouco tinha a ver com as abordagens tradicionais. Indústrias e cursos de engenharia passaram a ver com bons olhos as idéias de Maslow sobre criatividade e colocaram-nas em prática. A teoria e a prática do ensino estavam também sendo afetadas.

No que diz respeito à psicoterapia, em 1951, Rogers (12) questionava, com boa argumentação e dados empíricos, os métodos tradicionais empregados até então. "Client-Centered Therapy" pode ser considerado um marco na literatura psicoterapêutica. Esta obra, escrita numa abordagem holística e fenomenológica, mostra que as pessoas podem realizar suas potencialidades positivas quando encontram um clima permissivo, onde se sentem compreendidas e são aceitas nos aspectos mais íntimos do seu ser.

As idéias de Rogers frutificaram não só na terapia, mas também na orientação educacional, no ensino, em grupos organizacionais, no relacionamento familiar, nos grupos de encontro e em outras áreas de relacionamento humano (13).

V. AS CONTRIBUIÇÕES DOS FILÓSOFOS

Essas inovações na psicologia ligavam-se de forma estreita a uma nova filosofia do relacionamento interpessoal. Esta influenciou a psicologia, sobretudo, através dos trabalhos de Buber (14), Marcel (15), e Tillich (16). Uma nova concepção de diálogo surgia, tanto na psicoterapia, como na educação. O terapeuta humanista não era o catalisador silencioso, mas participava no encontro com outra pessoa com a totalidade do seu ser (17). O educador humanista procurava compreender os sentimentos profundos dos seus aprendizes e comunicar-lhes tal compreensão (18). Enfim, a psicologia e o ensino sofriram suas alterações.

(12) ROGERS, C. R. *Client-Centered therapy*. Boston: Houghton Mifflin, 1951.

(13) Dictionary of Behavioral Science. Benjamin B. Wolman (ed.), N. York: Van Nostrand, 1973.

(14) BUBER, M. *Yo y tú*. trad. do alemão. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1969.

(15) MARCEL, G. *The mystery of being*. trad. do francês. Chicago: Gateway, 1960.

(16) TILLICH, P. *The courage to be*. New Haven: Yale University Press, 1952.

(17) MATSON, F. W., opus citi.

(18) ROGERS, C. R., 1951, opus citi.

Além de conceber certa forma de diálogo, as contribuições dos filósofos (sobretudo os existencialistas) propuseram novas perspectivas para a psicologia. Os existencialistas viam o homem num contínuo processo de vir-a-ser (19), como capaz de escolha e decisão (20), lutando para realizar suas aspirações (apesar dos seus limites) (21), entre outras coisas. O lado trágico do homem, mostrado por Sartre, Nietzsche e Heidegger, contudo, permanece considerado com certa cautela pelos psicólogos humanistas (22), se bem que Richardson (23) vê a relação entre o **humanismo** e uma **ciência existencial** sobretudo através de Heidegger.

A influência do existencialismo abriu à psicologia e perspectiva em direção ao estudo do que é realmente humano. Segundo Allport (24), Maslow viu, no existencialismo, o aprofundamento dos conceitos que definem a condição humana.

VI. A EMERGÊNCIA DA PSICOLOGIA HUMANISTA

A inadequação por parte do behaviorismo e da psicanálise para abordar problemas importantes do homem, como a espontaneidade, as potencialidades positivas e o processo criativo; os esforços de profissionais que acreditavam ser necessária uma nova perspectiva em psicologia, como Maslow e Rogers; a contribuição dos filósofos existencialistas tanto para uma nova concepção de diálogo e relacionamento humano, como para uma psicologia ontologicamente orientada, centrada na pessoa, nos seus problemas e valores vitais parecem ter sido as condições fundamentais que fizeram surgir um novo tipo de psicologia.

Procurando dar expressão a essa nova perspectiva psicológica, Maslow, em 1961, apresentava ao público o "Journal of Humanistic Psychology", com as seguintes palavras:

O "Journal of Humanistic Psychology" está sendo fundado por um grupo de psicólogos e profissionais de áreas afins

(19) SARTRE, J. P. **Existencialism**. trad. do francês. N. York: Philosophical Library, 1947.

(20) KIERKEGARD, S. citado por BUHLER, C. in **Existencial Humanistic Psychology**. opus citi.

(21) MASLOW, A. H. **Toward a psychology of being**. Princeton: Van Nostrand, 1962.

(22) GREENING, T. C. in **Existencial Humanistic Psychology**, opus citi.

(23) RICHARDSON, W. J., in **Existencial Humanistic Psychology** opus citi.

(24) ALLPORT, G. "Comment en earlier chapters", in May, R. (org.) **Existencial Psychology**. New York: Random House, 1961.

interessados nas capacidades e potencialidades humanas que não têm lugar sistemático na teoria positivista ou behaviorista ou na teoria psicanalítica clássica...

Sua abordagem pode ser caracterizada pelos escritos de Goldstein, Fromm, Horney, Rogers, Maslow, Allport, Angyal, Buhler, Moustakas etc...

Um ano depois surgia a "Association for Humanistic Psychology", tendo como primeiro presidente Bugental, um terapeuta preocupado com os conceitos de "self" e autenticidade. Era a concretização definitiva da terceira revolução em psicologia. Os profissionais humanisticamente orientados não eram mais considerados fora da lei. A psicologia humanista constiuía-se num sistema aberto, flexível, em contínua e constante alteração, tal qual a vida humana.

VII. À GUISA DE CONCLUSÃO

A emergência da psicologia humanista mudou muito o cenário do estudo da psicologia. Parece ter havido um encontro entre humanistas americanos, europeus e mesmo orientais. O ponto central deste encontro converge para o estudo do homem como um todo, com os seus valores, a sua problemática existencial, em detrimento de estudos de segmentos de comportamento e/ou certos processos psíquicos isolados.

Mas a psicologia humanista não deixa de ser um movimento que continua exigindo muitos esforços dos que acreditam nela. O estudo do "homem total" não é fácil de realizar, embora seja uma empreitada que deva justificar qualquer sacrifício.

Parece mais razoável atacar os problemas do homem e apresentar soluções provisórias, do que buscar simplesmente a precisão pela precisão, sobretudo quando os problemas são irrelevantes. (25). Além desse argumento básico, deve-se notar que uma ciência de pessoa ainda está para se construir e os que trabalham numa orientação humanística" (...) podem evocar que sua abordagem ainda é muito jovem e que, no devido tempo, seus métodos de investigação adquirirão maior sofisticação e rigor..."(26)

(25) ALLPORT, G., 1 955, opus citi.

(26) RICH, J. M. **Bases Humanísticas da Educação**. trad. do inglês. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1 975, pág. 39.